

*Chiziane, Paulina, Balada de amor ao vento. 5. ed.
Maputo, Ndjira, 2010*

Ana Paula Pertile

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Uma narrativa peculiar. Assim poderiam ser caracterizados os romances de uma mulher negra que escreve em língua portuguesa na África Austral. Esse estranhamento, que já poderia ser suficientemente compreendido por se tratar de uma autora que constrói suas narrativas a partir de um ponto de vista marcado pela experiência feminina, igualmente se justifica pela retratação, através da obra, de uma cultura que é extremamente diferente da Ocidental. Essa é Paulina Chiziane, uma escritora moçambicana.

Nascida em 1955, na província de Gaza, no sul de Moçambique, uma região fortemente patriarcal, Paulina Chiziane mudou-se aos sete anos com a família para os subúrbios da antiga capital colonial, a cidade de Lourenço Marques, atual Maputo. De família protestante em que se falavam as línguas *chope* e *ronga*, aprendeu a língua portuguesa apenas quando ingressou na escola. Anos mais tarde, iniciou seus estudos em linguística na Universidade Eduardo Mondlane, também em Maputo, sem os concluir.

Na juventude, a escritora participou ativamente da vida política de Moçambique: foi membro da Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO) e, aos vinte anos, “cantou o hino de independência moçambicana” (Gonçalves, 2012). No entanto, as frouxas políticas de combate à poligamia e a consequente aceitação desta como característica da cultura nacional no combate à monogamia do “homem branco” pela FRELIMO desiludiram-na de continuar na vida partidária. Assim, trocou a militância da juventude pelo auxílio à Cruz Vermelha, e dedicou-se à carreira de escritora.

Seus livros não refletem a situação bélica pela luta de independência, como esperado e de costume em outras narrativas de autores de África; refletem, além das experiências vividas pela autora como membro da Cruz Vermelha, a desilusão frente à miséria de uma nação regida por tradições arcaizantes e vitimada por uma cultura generalizante, imposta pelo olhar do colonialismo. Seu livro de estreia, que já teve cinco edições, foi também o primeiro romance de autoria feminina moçambicano. *Balada de amor ao vento* (1990) é, então, responsável por dar voz à personagem Sarnau, uma moçambicana subalternizada e sujeita às leis tradicionais e aos revezes da poligamia.

Outras personagens femininas promovidas à condição de narradoras por Paulina Chiziane foram Minosse e Wusheni, em *Ventos do apocalipse* (1993); Vera, em *O sétimo juramento* (2000); Rami, em *Niketche: uma história de poligamia* (2002), e Serafina, Delfina, Maria das Dores e Maria Jacinta – mulheres de diferentes gerações de uma mesma família –, em *O alegre canto da perdiz* (2008). Dentro desta vasta produção narrativa, a escritora recebeu, em 2003, *ex-aequo*, o Prêmio José Craveirinha de Literatura pelo romance *Niketche: uma história de poligamia*, ao lado

de Mia Couto. O romance *Niketché* é o único romance da autora publicado no Brasil (pela editora Companhia das Letras, em 2004).

Embora autora de cinco romances publicados, Paulina Chiziane recusa a posição de romancista, autodenominando-se uma *contadora de histórias*, talvez por considerar as influências da tradição oral em suas narrativas. Fruto de sua experiência com a oralidade é seu primeiro romance, *Balada de amor ao vento* (1990), em que “recupera as histórias dos rongas e dos chopos” (Gonçalves, 2012), as origens genealógicas da própria autora. *Balada de amor ao vento* (2010) conta a história de amor entre Sarnau e Mwando, a partir do foco narrativo da personagem Sarnau, que relata as desventuras às quais se submeteu para viver o amor de sua vida e que a levou da realeza e da riqueza à miséria: “venceu-me a carne, venceu-me o coração, sou apenas a escrava do sentimento que é mais forte do que eu” (Chiziane, 2010, p. 97). Assim, a personagem-narradora recupera o passado e inicia a narrativa reconstruindo a sua trajetória desde o dia em que conheceu o objeto de seu amor, o jovem Mwando.

Na festa em comemoração à passagem de Mwando à maioridade, Sarnau investe em uma aproximação mais íntima entre os dois. Ele, seminarista, acaba sucumbindo aos desejos carnis, e conseqüentemente redimensiona seu futuro e o dela. A educação cristã, no entanto, impede Mwando de unir-se em matrimônio com alguém que não tenha sido educado dentro dos mesmos preceitos. Sarnau é, pois, abandonada grávida, e Mwando casa-se com Sumbi para viver um casamento monogâmico sob as bases cristãs. Desolada, Sarnau tenta o suicídio e acaba por abortar o filho que esperava dele.

Na ausência de Mwando, Nguila, herdeiro da tribo Zucula, *lobola* Sarnau como sua primeira esposa. O entendimento das relações geradas pelo ato do *lobolo* é de fundamental importância para a compreensão do livro. Nas tradições autóctones dos povos bantu da África Austral, ele é uma complexa relação de troca de favores entre tribos. A oferta do *lobolo* implica a compensação à tribo da mulher *lobolada* pela perda do ventre feminino, capaz de gerar descendentes, bem como pela perda, pela família da noiva, da força de trabalho que a mesma representa junto ao seu núcleo familiar. Mas, via de regra, o *lobolo* recebido pelo casamento de uma filha representa a possibilidade de pagamento do *lobolo* para o casamento de um irmão (ou mesmo de vários) da jovem *lobolada*. Há uma troca de valores simbólicos entre clãs, e a manutenção do casamento é de extrema importância, pois a separação de um implica a devolução do dote/*lobolo* que, na maioria das vezes, foi subsídio para outro casamento, gerando uma separação matrimonial em série.

Assim é descrito o *lobolo*, na voz de Sarnau:

- Meu pai, minha mãe, meus avós e todos os defuntos. Aceitei esta oferta, esta humilhação, que é o testemunho da minha partida. Vou agora pertencer à outra família, mas ficam estas vacas que me substituem¹. Que estas vacas lobolem mais almas, que aumentem o número da nossa família, que tragam esposas para este lar, de modo que nunca falte água, nem milho, nem lume (Chiziane, 2010, p. 39).

Fica muito evidente, nesta passagem, o tipo de tratamento destinado às mulheres neste contexto: objetificadas, as mulheres servem apenas para

¹ O *lobolo* de Sarnau, em especial, representou o ressarcimento de trinta e seis vacas ainda não paridas à sua família, um valor realmente alto se comparado ao de uma proposta de *lobolo* regular.

reproduzir e para trabalhar nas *machambas*², a fim de gerar o sustento da família. Desse modo, os parâmetros de avaliação da beleza feminina, nas culturas camponesas tradicionais, baseiam-se na capacidade feminina de, a partir do trabalho braçal, garantir a produtividade da *machamba*. A esse respeito, é sintomática a constatação da narradora quanto ao papel da mulher:

É como vos digo, cada mundo tem a sua beleza. No campo é mais belo o rosto queimado de sol. São belas as pernas fortes e musculosas, os calcanhares rachados que galgam quilômetros para que em casa nunca falte água, nem milho, nem lume. São mais belas as mãos calosas, os corpos que lutam ao lado do sol, do vento e da chuva para fazer da natureza o milagre de parir a felicidade e a fortuna (Chiziane, 2010, p. 41).

A protagonista do romance parte, então, para o curral, isto é, o ambiente de poligamia (que assim é denominado por Sarnau), uma vez que nele a protagonista é submetida às agressões do marido violento e à convivência com outras quinze mulheres, esposas do rei, pai de Nguila. Sob os encargos de primeira esposa do futuro rei, Sarnau é responsável por gerar o herdeiro do trono. Mas, a demora de sua gravidez, motiva a aquisição de novas esposas por Nguila, novas “esposas-irmãs” de Sarnau. Entre elas, as atenções de Nguila são destinadas à quinta esposa: Phati. Também o nascimento de duas meninas gêmeas do ventre de Sarnau distancia-a ainda mais do futuro rei, de quem somente atrai desprezo, uma vez que Nguila espera que Sarnau dê a luz a um menino que se torne herdeiro do trono.

Em paralelo à vida de Sarnau na realeza, Mwando, após ser explorado pela única esposa ao relativizar as tarefas que, em uma sociedade tradicional, são exercidas pela mulher, é traído e abandonado por Sumbi. Desiludido e rejeitada, Mwando e Sarnau reencontram-se e redescobrem as relações sexuais entre os dois, mantidas no passado. Grávida de Mwando novamente, Sarnau vê-se obrigada a ter relações sexuais com Nguila o mais rapidamente possível, a fim de que ele assuma a paternidade do filho que Sarnau espera de Mwando. Eis, então, que é descoberta por Phati e, denunciada em seus planos de “camuflar” a real paternidade do filho que carrega no ventre, é obrigada a fugir. Ela e Mwando partem e aportam em uma ilha de pescadores. Lá levam uma vida tranquila com a promessa de um casamento aos padrões da monogamia até a chegada de soldados a mando de Nguila, encarregados de matar Mwando. Este foge e, mais uma vez, Sarnau é deixada para trás, novamente à espera de um filho.

Para ver-se livre de Nguila e impedir que os casamentos que ajudou a *lobolar*³ desfaçam-se, é necessário pagar o alto preço do seu *lobolo*. Sarnau parte, assim, para Lourenço Marques, e aloja-se na Mafalala, bairro pobre da capital, prostituindo-se para sobreviver e saldar sua dívida com o ex-marido. Simultaneamente, Mwando envolve-se com a mulher de um sipaio (soldado da polícia colonial) e é deportado para Angola, a fim de trabalhar nas lavouras de cana e café. Lá faz uso dos ensinamentos eclesiásticos, atuando como “Padre

² A *machamba* é uma área de cultivo agrícola destinada à subsistência do núcleo familiar, da qual as mulheres são as responsáveis pela manutenção e prosperidade.

³ O *lobolo* de Sarnau promoveu outros vinte quatro casamentos, pois as vacas desse *lobolo* casaram os dois irmãos de Sarnau com seis mulheres; e os irmãos destas utilizaram o mesmo gado para casar, e assim por diante. Caso o valor das trinta e seis vacas não fosse restituído à família de Nguila, elas seriam recolhidas, e vinte e quatro casamentos seriam desfeitos!

Moçambique”, dirigente espiritual no degredo, até juntar economias suficientes para retornar à terra natal.

Passaram-se então quinze anos, e Mwando reencontra Sarnau no Mercado da Mafalala, vendendo tomates. “É o homem da minha desgraça” (Chiziane, 2010, p. 140) declara Sarnau, que foge das investidas de Mwando para que reatem a antiga relação. Ele a persegue até a sua palhota – casa simples, cujo nome alude às palhas que a cobrem – onde Sarnau acaba por ceder a suas súplicas, mesmo sabendo que provavelmente terá de sustentá-lo.

A narrativa passa-se predominantemente na parte sul do país, caracteristicamente poligâmica e machista, reforçada pela presença da fé muçulmana, que também advoga em favor da poligamia. Em entrevista à Rádio Internacional da China, Paulina Chiziane comenta o seguinte com respeito à poligamia: “a Igreja Cristã, o sistema colonial e o sistema pós-colonial são monogâmicos, mas as pessoas vivem entre aquilo que é lei, religião e tradição. E acontecem muitas complicações. Os homens casam-se com uma mulher aos olhos do mundo, mas continuam a ter quatro ou cinco” (Chiziane, 2013). Mas a monogamia também é opressiva e objetificante, uma vez que:

[...] sob a perspectiva das mulheres, não há grande diferença entre monogamia e poligamia, uma vez que ambas são regimes que operam dentro de um contrato heterossexual, que tem por finalidade a submissão das mulheres à dominação masculina (Alós, 2012, p. 85).

No romance, o confronto poligamia e monogamia, termina por resultar indiferente em termos do que reserva para as mulheres humildes na sociedade moçambicana, pois não há grandes diferenças entre um e outro: as mulheres continuam a ser oprimidas em ambos os contratos relacionais: “com a poligamia, com a monogamia ou mesmo solitária, a vida da mulher é sempre dura” (Chiziane, 2010, p. 137). O grande diferencial em *Balada de amor ao vento* (2010) é apresentar e desenvolver os assuntos sob o ponto de vista da atingida pela execução dessas relações, a mulher, transfigurada na voz narrativa de Sarnau.

Paulina Chiziane dá ao leitor a oportunidade de ler uma história a partir de outra perspectiva, que não as várias versões de uma única história sobre a África, contada e recontada pelas vozes do Ocidente (Adichie, 2009). Então, pelo poder de fabulação do discurso literário, o outro – uma mulher moçambicana através de uma voz também feminina –, silenciado pela história oficial, pode se fazer-se ouvir e desconstruir visões incompletas e estereotipadas de uma cultura.

Bibliografia

- ADICHIE, Chamamanda Ngozi. “O perigo de uma única história”. *Conferência Anual Ted Global*, Oxford, 2009. <http://www.geledes.org.br/em-debate/columnistas/4902-chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia> [14/05/13].
- ALÓS, Anselmo Peres. “O romance de autoria feminina em Moçambique: *Balada de amor ao vento*, de Paulina Chiziane”. *Todas as letras*. São Paulo (Universidade Mackenzie), v. 14, n. 2. p. 78-86. 2012. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4204/3756>. [13/05/13].

- CHIZIANE, Paulina. *Balada de amor ao vento*. 1. ed. Maputo, Associação dos Escritores Moçambicanos, 1990.
- CHIZIANE, Paulina. *Ventos do apocalipse*. Maputo, Edição da autora, 1993.
- CHIZIANE, Paulina. *O sétimo juramento*. Lisboa, Caminho, 2000.
- CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. Lisboa, Caminho 2002.
- CHIZIANE, Paulina. *Balada de amor ao vento*. 2. ed. Lisboa, Caminho, 2007.
- CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa, Caminho, 2008.
- CHIZIANE, Paulina. *Balada de amor ao vento*. 5. ed. Maputo, Ndjira, 2010.
- CHIZIANE, Paulina. Rota das Letras: Festival Literário de Macau. *Entrevista à Rádio Internacional da China*. <http://portuguese.cri.cn/2021/2013/03/19/1s164056.htm>. [12/05/13].
- GONÇALVES, Adelto. O feminismo negro de Paulina Chiziane. <http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/265-generos-em-noticias/16623-o-feminismo-negro-de-paulina-chiziane> [12/05/13]. (Versão digital do texto original publicado em Chaves, Rita e Macêdo, Tania (orgs.). *Passagens para o Índico: encontros brasileiros com a literatura moçambicana*. Maputo: Marimbique Conteúdos e Publicações, 2012, p. 33-41).